

DESENVOLVIMENTO *Técnicos da ONU têm versões contraditórias; para escritório brasileiro, não se pode dizer que país tenha caído*

Brasil fica em 68º no ranking da ONU

JOÃO CARLOS ASSUMPTÃO
de Nova York



Desenvolvimento Humano

A Organização das Nações Unidas divulga hoje relatório sobre o estágio de desenvolvimento de 175 países, colocando o Brasil na 68ª posição. No ano passado, o país ocupava o 58º lugar.

Segundo o escritório brasileiro do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento, não se pode afirmar que o Brasil perdeu posições no ranking. Isso porque o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) sofreu alterações metodológicas este ano.

Em Nova York, porém, Moez Saad Doraid, um dos membros do Programa de Desenvolvimento, disse à Folha que "o Brasil foi um dos 30 países que apresentou uma piora em seu quadro, o que explica sua queda no ranking".

Em relatório divulgado no ano passado, a ONU estipulara o índice do Brasil em 0,796. No relatório deste ano, que está sendo divulgado hoje, o Brasil fica com 0,783.

Já o relatório divulgado pelo Pnud em Brasília, especificamente para o Brasil, diz que não se pode comparar esses índices, pois foram calculados segundo metodologias diferentes.

O texto do documento em português é explícito: "A comparação deve ser feita entre o IDH 94 com valor de 0,783 e o IDH 93 com valor de 0,774, ambos usando novos índices de crescimento".

O IDH mostra a distância de uma nação para atender objetivos específicos, como uma expectativa de vida de 85 anos e acesso à educação para todos. O terceiro indicador afere a renda e é medido pelo PIB per capita ajustado para diferenças no custo de vida de cada país.

"Construímos uma fórmula matemática para calcular a qualidade de vida da população dos mais di-

ferentes países do mundo", explicou Doraid à Folha. "Quanto maior o coeficiente, melhor é a situação vivida no país", disse. O coeficiente máximo que um país pode atingir é 1.

"Levamos em conta a expectativa de vida no nascimento de uma criança, o grau de analfabetismo e a porcentagem de estudantes que chegam ao primeiro, segundo ou terceiro graus."

Segundo Saad, parte dos 30 países que apresentaram queda em seus índices é do Leste Europeu.

"As dificuldades econômicas dos ex-países comunistas ainda são muito grandes. Não chega a ser surpresa que países como a Rússia, a Armênia e a Ucrânia, entre outros, esteja entre os que pioraram. O Brasil, sim, pode ser considerado surpreendente", disse Saad.

No relatório da ONU, o Canadá aparece em primeiro lugar, com IDH de 0,960. A França é a segunda colocada, com 0,946. Em terceiro está a Noruega, 0,943.

O Brasil ficou entre a Rússia e a Bulgária, países do Leste Europeu.

Entre os últimos colocados, estão diversos africanos. Os três piores índices ficaram com Níger, 0,206, Ruanda, 0,187, e Serra Leoa, 0,176.

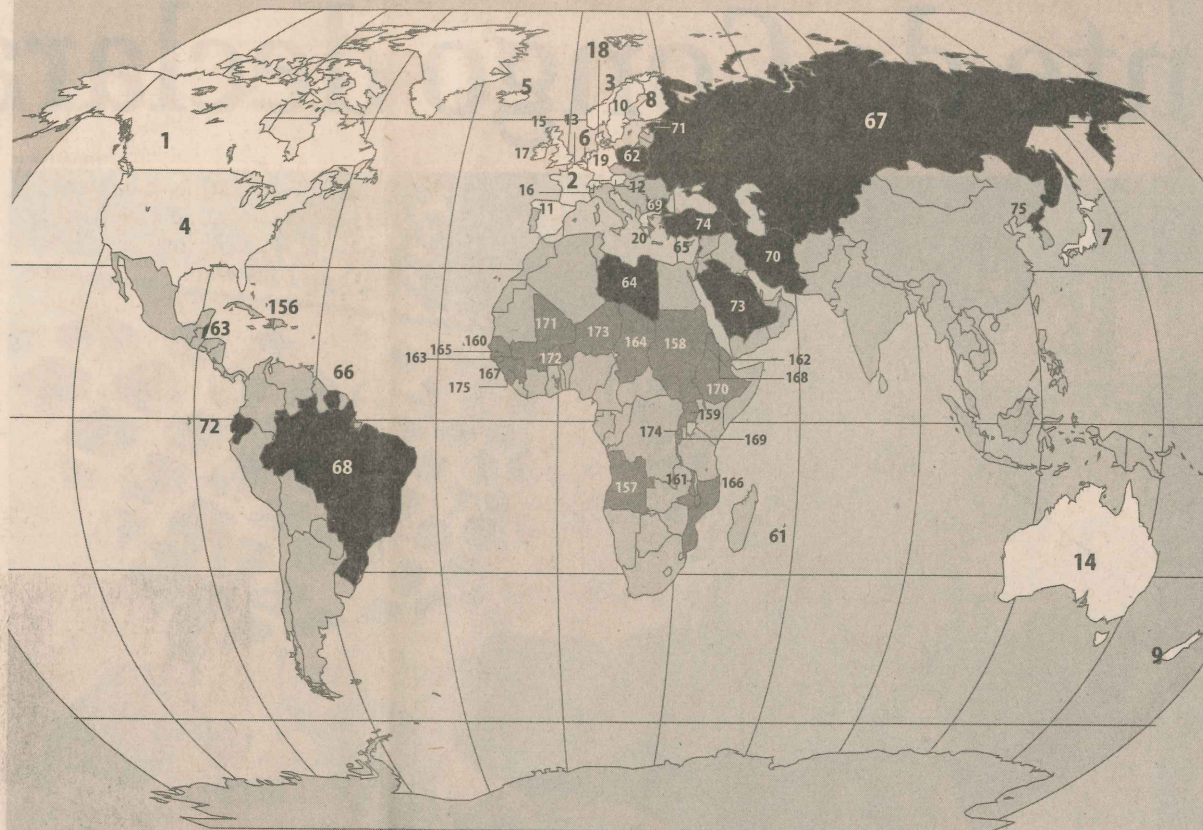
Dos 175 países analisados, 64 são considerados desenvolvidos, 66, entre os quais o Brasil, estão situados num estágio que a ONU define como "mediano", e 45 estão na chamada "categoria de baixo".

Da população mundial de cerca de 5,6 bilhões de pessoas, 1,3 bilhão está nos países desenvolvidos, 2,6 bilhões estão nos de "estágio mediano", e 1,8 bilhão, na "categoria de baixo".

Dos países em desenvolvimento, Hong Kong, que ficou em 22º lugar no ranking da ONU, com IDH de 0,914, foi o mais bem posicionado. Dos países da América do Sul, o Chile, com IDH de 0,891, ficou em 30º lugar. A Argentina, com IDH de 0,884, foi a 36ª.

Colaborou a Reportagem Local

Índice de desenvolvimento humano



Os 20 primeiros

País	Índice
1º Canadá	0,960
2º França	0,946
3º Noruega	0,943
4º Estados Unidos	0,942
5º Islândia	0,942
6º Holanda	0,940
7º Japão	0,940
8º Finlândia	0,940
9º Nova Zelândia	0,937
10º Suécia	0,936
11º Espanha	0,934
12º Áustria	0,932
13º Bélgica	0,932

O "grupo do Brasil"

País	Índice
61º Maurício	0,831
62º Belarus	0,806
63º Belize	0,806
64º Líbia	0,801
65º Líbano	0,794
66º Suriname	0,792
67º Rússia	0,792
68º Brasil	0,783
69º Bulgária	0,780
70º Irã	0,780
71º Estônia	0,776
72º Equador	0,775
73º Arábia Saudita	0,774

Os 20 últimos

País	Índice
156º Haiti	0,338
157º Angola	0,335
158º Sudão	0,333
159º Uganda	0,328
160º Senegal	0,326
161º Malawi	0,320
162º Djibuti	0,319
163º Guiné-Bissau	0,291
164º Chade	0,288
165º Gâmbia	0,281
166º Moçambique	0,281
167º Guiné	0,271
168º Eritreia	0,269

Entenda a mudança

da Reportagem Local

O Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil melhorou de 0,774 para 0,783 entre 1993 e 1994. Ambos os índices foram calculados segundo a nova metodologia usada pelas Nações Unidas.

O Brasil está na 68ª posição, dez abaixo da classificação do ano passado. Mas as mudanças metodológicas implementadas pela ONU impedem que o ranking de 1994, divulgado hoje, seja comparado ao de 1993 (divulgado em 1996).

Dos três indicadores que formam o IDH, dois foram alterados: o cálculo do PIB per capita e a expectativa de vida ao nascer.

Isso implicou novos valores para o Índice de Desenvolvimento Humano de cada país e fez com que eles mudassem de posição relativa na classificação.

Para saber com precisão quantas posições um país ganhou ou perdeu, entretanto, é necessário recalcular todos os índices de 1993 pela nova metodologia.

Segundo a ONU, os rankings dos anos anteriores serão refeitos, mas só em 1998. Assim, só é possível saber a classificação atual de cada país pela nova metodologia e a classificação que eles tinham em 1996 pela metodologia antiga.

No caso brasileiro, por exemplo, a nova metodologia empregada pelo Banco Mundial fez diminuir o valor do PIB per capita do país em 1994 de R\$ 5.531,00 para

Betinho é elogiado no texto

de Nova York

O relatório da ONU cita a “Campanha da Fome”, organizada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, como exemplo de iniciativa bem-sucedida no combate contra a miséria humana.

A ONU acha que a iniciativa de

Betinho deixou as pessoas menos acomodadas, dando-lhes um novo senso de responsabilidade pública.

“A ação teve destaque especial porque forçou o próprio governo a prestar mais atenção ao problema social”, comentou Oscar Altimir, do Departamento de Desenvolvimento Humano da ONU. (JCA)

Globalização prejudica pobres

de Nova York

O fenômeno da globalização é uma das preocupações da ONU no final do milênio.

No relatório que será divulgado hoje, o Programa de Desenvolvimento reserva um capítulo para comentar o processo.

A ONU destaca as dificuldades que os países mais pobres têm para competir nos mercados internacionais e chega a criticar a política econômica de seus governos.

“Grandes déficits fiscais criam dificuldades que desencorajam os investidores estrangeiros”, diz o relatório. “E, quando financiados por empréstimos de fora, podem supervalorizar o câmbio, afugentando ainda mais os investidores e prejudicando as exportações.”

Mas o relatório reconhece que as

condições da economia mundial são difíceis para as nações menos desenvolvidas. “Nem toda a culpa pelos poucos benefícios que têm com a globalização é dos governos dos países mais pobres.”

“Mesmo quando a globalização atinge as nações menos desenvolvidas, geralmente o faz nas condições mais desfavoráveis.”

O relatório denuncia o comércio internacional, considerado perverso para os países do Terceiro Mundo.

“As nações pobres perdem muito devido à regra do jogo. A Rodada Uruguai (que deu origem à atual Organização Mundial do Comércio) mudou pouco o quadro. Três terços da população mundial, nos países em desenvolvimento, ficam com até um terço dos ganhos com o comércio.” (JCA)

Relatório aponta problemas nos EUA

de Nova York

Os Estados Unidos caíram do segundo para o quarto lugar no ranking do índice de desenvolvimento e apresentam problemas com os sem-teto em alguns de seus grandes centros urbanos, de acordo com o Pnud (Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento).

No relatório da ONU, a cidade de Nova York, sede da entidade, é citada devido à presença de “sem-teto”.

O prefeito Rudolph Giuliani, que tem tido discussões públicas com diplomatas da ONU devido ao problema de estacionamento para carros oficiais em Nova York, proibiu cidadãos de dormirem nas ruas ou em parques da cidade.

Mas, apesar da proibição, é possível encontrar vários “sem-teto”

em Nova York, muitos dormindo em caixas eletrônicos.

Os primeiros

Mais bem colocados que os Estados Unidos, ficaram o Canadá, a França e a Noruega.

O quinto lugar foi ocupado pela Islândia. Os japoneses ficaram em sétimo, logo atrás da Holanda.

Mais uma vez os países escandinavos se destacaram na avaliação da ONU. Além do terceiro lugar da Noruega, a Finlândia ficou em oitavo, a Suécia, em décimo, e a Dinamarca, em décimo oitavo.

Do Oriente Médio, Israel foi o mais bem avaliado, em 23 lugar.

“Um dos objetivos do relatório é alertar as pessoas para como está a situação mundial”, disse Moez Saad, um dos membros do Programa de Desenvolvimento.

13º	Bélgica	0,932	73º	Arábia Saudita	0,774
14º	Austrália	0,931	74º	Turquia	0,772
15º	Reino Unido	0,931	75º	Coréia do Norte	0,765
16º	Suíça	0,930			
17º	Irlanda	0,929			
18º	Dinamarca	0,927			
19º	Alemanha	0,924			
20º	Grécia	0,923			

Fonte: Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas - Relatório de 1997

O índice - é obtido de uma combinação da expectativa de vida, da taxa de analfabetismo, do nível de escolaridade e da renda per capita ajustada. O índice máximo é 1

168º	Eritreia	0,269
169º	Burundi	0,247
170º	Etiópia	0,244
171º	Mali	0,229
172º	Burkina Fasso	0,221
173º	Níger	0,206
174º	Ruanda	0,187
175º	Serra Leoa	0,176

lor do PIB per capita do país em 1994 de R\$ 5.531,00 para R\$ 5.233,00.

A despeito disso, o IDH brasileiro não caiu. Ao contrário. É que, aplicando-se o novo cálculo ao PIB de 1993, ele também cai: de R\$ 5.308,00 para R\$ 4.932,00.

Ou seja, entre 1993 e 1994 o PIB per capita nacional cresceu 6%, o que fez aumentar o IDH brasileiro.

(JOSÉ ROBERTO DE TOLEDO)

Novo índice avalia condições da pobreza

de Nova York

Além do Índice de Desenvolvimento Humano, as Nações Unidas divulgam hoje também a situação de 78 países em desenvolvimento em relação aos indicadores de pobreza.

A ONU calculou o Índice de Pobreza Humana para cada uma destas nações.

Trinidad e Tobago (arquipélago ao norte da Venezuela), com índice de 4,1, ficou em primeiro lugar. “Foi o que apresentou índice mais baixo de pobreza”, explicou Moez Saad, do Programa de Desenvolvimento da ONU.

“Quanto mais alto o índice, pior a situação.” Os segundo e terceiro classificados são países latino-amer-

icanos: Cuba, com 5,1, e Chile, com 5,4 pontos.

Atrás dos chilenos, aparecem Cingapura, Costa Rica, Colômbia, México, Jordânia, Panamá e Uruguai.

Africanos

Dois países africanos — Serra Leoa, com 59,2, e Níger, com 66,0 — são os piores.

O Brasil não aparece no ranking. Segundo informou a ONU, porque não havia dados suficientes para avaliar a situação de pobreza no país.

“Eles são destacados no relatório não só por estarem nos primeiros lugares, mas também por terem feito um esforço grande, acompanhado de perto pelas Na-

ções Unidas, para reduzir a pobreza”, disse Saad.

Enquanto o índice de desenvolvimento tem como foco o progresso da comunidade como um todo, o índice de pobreza se concentra nas condições de vida das pessoas e também no progresso experimentado por esses indivíduos que dispõem de menos recursos para sobreviver.

Enterros

Em entrevista à *Folha*, Saad disse que os critérios para estipular um índice de pobreza têm “um certo grau de arbitrariedade”, não são científicos.

“O que é uma pessoa pobre?”, perguntou. “Decidimos usar como critérios vários fatores, desde a

falta de moradia até a impossibilidade de enterrarem seus parentes”, afirmou.

“No mundo inteiro, existe uma multidão de gente que morre e não tem nem dinheiro para pagar por um cantinho no cemitério”, explicou.

“Como a pobreza humana inclui aspectos que não podem ser medidos, ou que, por um motivo ou outro não foram medidos com exatidão, no tocante ao índice que apresentamos, podemos dizer que se trata de uma estimativa” — ainda que calculada.

Assim como aconteceu com o ranking do desenvolvimento, no da pobreza os países que mais preocupam são os do continente africano. (JCA)



France Presse

Papua-Nova Guiné tem eleições gerais

Guerreiros chegam a comício político realizado ontem no oeste da Papua-Nova Guiné em apoio a candidato. As alianças tribais desempenham importante papel nas eleições gerais marcadas para este mês no país asiático, o 128º na lista divulgada ontem pela ONU

POBREZA Relatório da ONU aponta fracasso no combate à falta de rendimentos, que afeta um terço da população mundial

1,3 bilhão vive com até um dólar por dia

Reuter



O MAIS POBRE Moradores de Freetown (capital de Serra Leoa) observam guerrilheiro morto em um caminhão. O país, no oeste da África, vive distúrbios políticos após um golpe militar e tem o pior índice de desenvolvimento humano do mundo, segundo o relatório anual da Organização das Nações Unidas

Relatório aponta diferenças entre sexos

da Redação e
das agências internacionais

As mulheres continuam sendo a parcela da população que mais sofre com a pobreza, em todo o mundo, segundo aponta o relatório anual do Programa da ONU para o Desenvolvimento.

Não é uma conclusão inédita

sultados também no que diz respeito às diferenças entre os sexos —Serra Leoa, por exemplo, fica em último tanto no IDH quanto no IDS. O Canadá, ao contrário, é o primeiro nos dois índices.

No países do Terceiro Mundo, as diferenças entre mulheres e homens aparecem com mais gravida-

de na educação —60% mais analfabetas do que analfabetos, por exemplo— e nos salários —eles são, em média, apenas 75% dos salários masculinos.

Nos países industrializados, o desemprego atinge sempre mais as mulheres do que os homens, observa o relatório.

das agências internacionais

Um terço da humanidade —1,3 bilhão de pessoas— vive com menos de US\$ 1 por dia, segundo o relatório. Na América Latina e no Caribe, são 110 milhões de pessoas que vivem com menos de US\$ 2 diários.

Por causa desses números, o relatório aponta o “fracasso indesculpável das políticas” dos países, lembrando que, em 1995, em uma reunião de cúpula na Dinamarca, eles se comprometeram a buscar formas de eliminar a pobreza.



Desenvolvimento
Humano

A marca de US\$ 1 diário é um dos padrões de pobreza para comparações internacionais. O outro, que mede o que a ONU chama de “pobreza humana”, leva em conta o acesso a um modo de vida aceitável, incluindo serviços básicos e possibilidade de ascensão social.

Apesar de usar US\$ 1 por dia para comparação, os técnicos sugerem que cada região tenha a sua linha de pobreza: na América Latina e no Caribe, US\$ 2 por dia; na Europa Oriental e ex-URSS, US\$ 4; nos países industrializados, US\$ 14,4.

Segundo o relatório, os maiores avanços no combate à pobreza foram alcançados pelos países da Ásia e do oceano Pacífico. “Os avanços na luta contra a pobreza

nessa parte do mundo foram espetaculares”, ressalta o relatório.

O Pnud considera que, no século 21, o estereótipo do pobre mundial não será o camponês asiático, mas o analfabeto de uma grande cidade latino-americana ou africana.

Apesar dos avanços, a Ásia —de longe o mais populoso dos continentes— ainda concentra 950 milhões do 1,3 bilhão de pessoas que dispõem de menos de US\$ 1 por dia. Leste Europeu e ex-URSS tiveram a maior deterioração em uma década —hoje são 25% de pobres.

O relatório diz que, com mais US\$ 40 bilhões por ano (0,2% do PIB mundial), toda a população dos países em desenvolvimento teria acesso aos serviços básicos.

A cor da foto é
só para lembrar a
máxima rentabilidade.

Não é uma conclusão inédita —ela já aparecia em relatórios anteriores. O relatório cria um outro índice, paralelo ao IDH, que separa o desenvolvimento humano por sexo, indicando as possibilidades às quais as mulheres têm acesso. Nenhum país tem índice de desenvolvimento por sexo (chamado IDS) melhor do que o índice de desenvolvimento humano.

Entre os países em desenvolvimento, Barbados (Caribe) é o que aparece com mais destaque no quadro do IDS —supera, por exemplo, Bélgica e Itália nas oportunidades que dá às mulheres.

A ONU divulga também uma tabela denominada Medida de Participação Ajustada dos Sexos, que é um diagnóstico do acesso que elas têm a oportunidades profissionais, políticas e econômicas. Quatro países escandinavos (pela ordem: Noruega, Suécia, Dinamarca e Finlândia) lideram esse quadro.

Em âmbito mundial, as mulheres detêm ainda apenas 13% dos cargos eletivos e 6% dos cargos governamentais.

O relatório observa que os países que têm um mau desempenho no índice de desenvolvimento humano tendem a demonstrar maus re-